

Oração semanal

(5ª-feira, 2 Quaresma)

Serra do Pilar, 16 março 2017

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. Amen!

P. Senhor, vinde em nosso auxílio!

R. Senhor, socorrei-nos e salvai-nos!

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!

R. Como era no princípio, agora e sempre. Amen!

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas (3,1/6)

No 15º ano do reinado do imperador Tibério, quando Pôncio Pilatos governava a Judeia; Herodes era tetrarca da Galileia; seu irmão Filipe, tetrarca da Itureia e da Traconítide; e Lisânias, tetrarca da Abilena, no pontificado de Anás e Caifás, fez-se ouvir no deserto a Palavra de Deus dirigida a João, filho de Zacarias. Ele foi por toda a zona do Jordão pregar um batismo de penitência em ordem à remissão dos pecados. Assim está escrito no Livro dos Oráculos do Profeta Isaías: *Uma voz brada no deserto: "Preparai o caminho do Senhor, endireitai-lhe as veredas. Todo o vale será alteado, todos os montes e outeiros serão aplanados. Os caminhos cheios de curvas serão endireitados e os acidentados aplanar-se-ão. E toda a criatura verá a salvação de Deus".*

Salmo 38 - Oração de um Salmista doente

Não me repreendas, Senhor, com a tua ira,
nem me castigues com o teu furor.

Feriste-me com as tuas setas
e atiraste-me por terra!

No meu corpo, não ficou nada são,
dos meus ossos, nenhum ficou inteiro,
por causa da tua ira,
por causa das minhas culpas!

Estou afogado no mar dos meus pecados,
eles são carga demasiado pesada para mim;
as minhas chagas são fétidas e purulentas,
por causa da minha loucura!

Todo o dia ando triste, cabisbaixo e deprimido,
estou a arder de febre, tenho todo o corpo doente;
estou fraco e alquebrado,
grito muito alto as queixas do meu coração!

Senhor, tu conheces os meus desejos,
os meus suspiros não são segredo para ti!
O meu coração palpita forte,
até a luz dos olhos, infelizmente, me falta!

Meus amigos e companheiros afastam-se da minha desgraça,
os meus parentes conservam-se à distância;

os que querem tirar-me a vida preparam-me armadilhas,
insultam-me os que me querem perder e tramam-me maquinações !

Eu, porém, faço-me de surdo e não dou ouvidos,
simulo mudez e não abro a boca!

Sou como o que não ouve
e não pode falar em sua defesa!

Porque eu confio em ti, Senhor,
e tu me respondes, meu Deus!

Uma coisa te peço: não permitas que se riam de mim,
não deixes que zombem, vitoriosos, da minha queda!

Na verdade, eu estou prestes a cair,
a minha dor não me larga um momento.
Vou confessar os meus pecados,
porque eles me enchem de inquietação!

Os meus inimigos mortais são poderosos,
são muitos os que me odeiam sem razão!
Eles pagam-me o bem com o mal
e voltam-se contra mim, que procuro fazer o bem!

Não me abandones, Senhor,
meu Deus, não te afastes de mim;
Senhor, minha Salvação,
socorre-me e salva-me!

Glória ao Pai, o Deus compreensivo,
ao Filho, Jesus, o redentor,
e ao Espírito que transforma os corações
e que é a certeza da nossa Libertação!

O diagnóstico radical de João

Entre o Outono de 27 e a Primavera de 28, apareceu no horizonte religioso da Palestina um profeta original e independente que provocou um forte impacto em todo o povo. O seu nome era João, mas as pessoas chamavam-lhe "Baptista", porque praticava um rito estranho e surpreendente nas águas do Jordão. Era, sem sombra de dúvida, um homem que marcaria, como nenhum outro, a trajetória de Jesus.

João era de uma família sacerdotal do campo. A sua rude linguagem e as imagens que utilizava refletiam o ambiente camponês e aldeão. Um dia que não sabemos quando, João rompeu com o templo e com todo o sistema de ritos de purificação e perdão a ele ligados. Não sabemos o que o terá levado a abandonar o seu múnus sacerdotal. A sua atitude era a de um homem arrebatado pelo Espírito. Não se apoiava em nenhum mestre. Não citava explicitamente as Escrituras sagradas. Não invocava nenhuma autoridade para legitimar a sua ação. Abandonou a terra sagrada de Israel e foi para o deserto, a gritar a sua mensagem.

Mas João não somente conhecia a crise profunda em que o Povo se encontrava. Contrariamente a outros movimentos contemporâneos que abordavam diversos aspetos, ele concentrava a força do seu olhar profético num só que considerava a raiz de tudo: o pecado e a rebeldia de Israel. O seu diagnóstico era simples e certo: a história do Povo eleito chegara ao seu fracasso total. O projeto

de Deus tinha-se frustrado. A crise atual não era uma entre outras. Este era o ponto final a que se tinha chegado numa longa cadeia de pecados. O Povo encontrava-se agora diante da reação definitiva de Deus. À semelhança dos lenhadores que deixavam a descoberto as raízes de uma árvore antes de lhe darem os golpes definitivos que haveriam de a derrubar, assim estava Deus com "o machado posto na raiz das árvores". Era inútil que as pessoas quisessem escapar da sua "ira iminente", como um conjunto de víboras a fugir do incêndio que as cerca. Já não se podia recorrer aos processos tradicionais para renovar a história da salvação. De nada servia oferecer sacrifícios de expiação. O povo precipitava-se para o seu fim.

Segundo João Baptista, o mal corrompera tudo. O povo estava todo contaminado, não só os indivíduos; todo o Israel tinha de confessar o seu pecado e converter-se radicalmente a Deus, se não quisesse perder-se irremediavelmente. O próprio templo estava corrompido. Já não era um lugar santo nem servia para eliminar a maldade do povo. Eram inúteis os sacrifícios de expiação que ali se celebravam. Era necessário um novo rito de purificação radical que não estivesse ligado ao culto do templo. A maldade tinha atingido até a própria terra em que vivia Israel, que também ela precisava de ser purificada e habitada por um povo renovado. Tornava-se imperioso ir para o deserto, fora da terra prometida, para voltar a entrar nela como um povo convertido e perdoado por Deus.

Que ninguém tivesse ilusões. A Aliança estava quebrada. Tinha sido anulada pelo pecado de Israel. Era inútil apelar à eleição de Deus. Para nada servia dizerem-se "filhos de Abraão", pois Deus poderia suscitar filhos de Abraão até das pedras espalhadas pelo deserto. Nada nem ninguém podia passar ao lado de uma conversão radical. Israel estava praticamente ao mesmo nível que os povos pagãos. Não valia a pena refugiar-se na história passada com Deus. O povo tinha necessidade de uma purificação total para restabelecer a Aliança. O "batismo" que João oferecia era precisamente o novo rito de conversão e o perdão radical de que Israel necessitava como início de uma eleição e de uma nova aliança para esse povo fracassado.

Jesus ficou seduzido e tocado por esta visão tão grandiosa. Aquele homem punha Deus no centro e no horizonte de toda a busca de salvação. O templo, os sacrifícios, a interpretação da lei, a própria pertença ao povo eleito, tudo isso ficava relativizado. Só uma coisa era decisiva e urgente: converter-se a Deus e aceitar o seu perdão.

João não pretendia afundar o povo no desespero. Pelo contrário, sentia-se chamado a convidar a todos a uma marcha pelo deserto para realizarem uma conversão radical e serem purificados nas águas do Jordão, a fim de, recebido o perdão, poderem ingressar novamente na terra da promessa e acolherem a iminente chegada de Deus.

Dando o exemplo a todos, ele foi o primeiro a chegar ao deserto. Deixou a sua pequena aldeia e dirigiu-se para uma região desabitada do vale oriental do rio, local que ficava na região da Pereia, perto da terra prometida, embora fora dela.

Pelos vistos, João escolheu cuidadosamente o lugar. Por um lado, encontrava-se junto do rio Jordão, onde a água era abundante para realizar o rito do "batismo". Além disso, por aquela zona passava uma importante via comercial que ia de Jerusalém para as regiões situadas a leste do mesmo Jordão, transitando por ali muita gente a quem o Baptista podia passar a mensagem. Mas havia uma outra

razão mais profunda ainda. De facto, João podia ter encontrado água mais abundante nas margens do lago de Genesaré. Podia ter-se posto em contacto com muita mais gente junto da cidade de Jericó ou até na própria Jerusalém, onde existiam pequenas piscinas, tanto públicas como particulares, onde poderia realizar comodamente o seu rito batismal. Mas o "deserto" escolhido encontrava-se em frente de Jericó, no preciso lugar em que, segundo a tradição, o povo, conduzido por Josué, tinha atravessado o rio Jordão para entrar na terra prometida. A escolha fora intencional.

João começou a viver ali como um "homem do deserto". Vestia um manto de pele de camelo apertado por um cinto de couro e alimentava-se de gafanhotos e de mel silvestre. Esta maneira elementar de se vestir e de se alimentar não se deve só ao desejo de levar uma vida ascética e penitente. Indicava, antes, o estilo de vida de um homem que habitava no deserto e se alimentava dos produtos espontâneos de uma terra inculta. João queria fazer lembrar ao Povo a vida de Israel no deserto antes da entrada na terra que Deus lhe ia dar como herança.

João quis fazer passar de novo o povo "pelo deserto". Ali, mesmo à porta da terra prometida, mas fora dela. A nova libertação de Israel tinha que começar onde tinha começado. O Baptista chamava as pessoas para que se situassem simbolicamente no ponto de partida, antes de atravessar o rio. Como tinha acontecido com a "primeira geração do deserto", também agora o povo tinha de escutar a Deus, purificar-se nas águas do Jordão e entrar renovado no país da paz e da salvação.

Foi nesse cenário evocador que João apareceu como o profeta que chamava à conversão e oferecia o batismo para o perdão dos pecados. Os evangelistas deitam mão de dois textos da tradição bíblica para apresentarem a sua figura. João era a "voz que clama no deserto: 'Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas'". Esse era o seu papel: ajudar o povo a preparar o caminho de Deus que estava mesmo a chegar. Dito doutro modo, era o "mensageiro" que conduzia Israel pelo deserto e o voltava a introduzir na terra prometida.

(José Antonio Pagola. *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 64-68)

Oremos (...)

Pelo teu Povo que é a Igreja, Senhor,
passam os tempos e os séculos.
Mas o tempo não nos envelheceu
e a tua Graça prevalece
e renova-nos continuamente,
dos pés à cabeça, do coração às mãos,
inspirando-nos novos Atos e novos Passos
a pôr e a dar no Caminho da Vida e da História:
renova-nos, Senhor,
a nós e às comunidades da tua Igreja,
para sermos capazes de prosseguir
aquilo que começou nas margens do Jordão
e nunca mais parou nem acaba aqui.
Por Jesus to pedimos,
Ele, que é teu Filho e nosso Irmão,
na Unidade do Espírito Santo! **Âmen!**